

Apresentação

“Eu estudo! Sou apenas o sujeito do verbo estudar. Pensar, nem tento. Antes de pensar, é preciso estudar. Só os filósofos pensam antes de estudar.”¹ Em seu último livro, meses antes de sua breve doença e falecimento, Gaston Bachelard definiu-se como um estudante. Julgamos ser-lhe fiel ao apresentar como *Estudos* alguns de seus primeiros trabalhos, escritos entre 1931 e 1934, explicando o que justifica esta seleção.

O *Ensaio sobre o conhecimento aproximado* foi defendido como tese de doutoramento em 1927. *O valor indutivo da Relatividade* foi publicado em 1929. *O pluralismo coerente da química moderna* é de 1932, contemporâneo do primeiro artigo desta coletânea. Logo, em 1932, Gaston Bachelard já produzira um primeiro conjunto orgânico de trabalhos epistemológicos cujos títulos indicam a detecção sistemática das características próprias da ciência no início do século XX: aproximação, indutividade, coerência. Em 1934, *O novo espírito científico* surpreende muitos filósofos. Desde o início, Bachelard proclama que “a ciência cria filosofia”; no final, ao concluir um capítulo irreverente, dedicado à epistemologia não cartesiana,

1. G. Bachelard, *La Flamme d'une chandelle*. Paris: PUF, 1996, p. 55.

{ Gaston Bachelard }

ele declara: “Há idéias que não se retomam.” Em 1938, Bachelard, com a publicação simultânea de *A formação do espírito científico* e de *A psicanálise do fogo*, revela a bipolaridade coerente – embora, para alguns, muito desconcertante – de sua filosofia. Já se conhece o desfecho, nas duas vias, até o *Materialismo racional* (1953), por um lado, e até *A poética do sonho* (1960), por outro.

Os quatro artigos e a comunicação de congresso, aqui apresentados em ordem cronológica, merecem toda a atenção, pois esclarecem o período intermediário entre o primeiro grupo de trabalhos e a dupla série a partir de 1934. Consideramo-los como estudos que resultam de muita reflexão, sustentados interiormente por um desígnio dirigido com precisão, como exercícios preparatórios para a ação. Examinados de perto, esses estudos mostram itinerários de pesquisa e problemáticas que não são perceptíveis nos três trabalhos do período 1927-1932.

Em NÚMENO E MICROFÍSICA aparece, creio que pela primeira vez, o termo “fenomenotécnica” que se tornará, a partir de 1934, uma categoria fundamental da epistemologia de Bachelard, progressivamente mais reticente em relação a qualquer fenomenologia do saber. Antes de escrever, em 1934, que a ciência cria filosofia, Bachelard demonstra isso pelo exemplo, saudando a substituição da metafísica pela “metatécnica de uma natureza artificial”.

Se a ciência cria filosofia, é preciso admitir a recíproca: a filosofia não tem base para impor limites à ciência. CRÍTICA PRELIMINAR DO CONCEITO DE FRONTEIRA EPISTEMOLÓGICA opõe ao conceito religioso ou jurídico de fronteira metafísica intransponível o conceito operatório de limite a transgredir experimentalmente. A interrupção da pesquisa, em dado momento, é para o cientista um passo previsto, enquanto, para o metafísico, é um fracasso. Presente-se que, nesse momento, Bachelard já entrevira o poder ilimitado da imaginação, cujas dimensões ele compara ao poder que tem a ciência de assimilar seus limites temporários. “Sob certos aspectos,

falar das fronteiras da Química é tão inútil quanto falar das fronteiras da Poesia.”

IDEALISMO DISCURSIVO dá a impressão de ter sido escrito no intuito de preparar as mentes para receber a lição do novo espírito científico. A série posterior de trabalhos epistemológicos ainda não está aí pré-formada, mas não trará nenhum desmentido, nenhum arrependimento. “É preciso divagar para chegar ao objetivo (...). Não existe verdade *primeira*. Só existem erros *primeiros*.” Por enquanto estamos diante de uma filosofia ainda oscilante, que vai do sujeito ao objeto e vice-versa. Mas já se anuncia a constituição do sujeito pela construção do objeto. O sujeito só é constituinte pela destituição daquilo que ele antes considerava como objeto. “Sou o limite de minhas ilusões perdidas.”

O conceito de obstáculo epistemológico, embora não seja nomeado, está presente em LUZ E SUBSTÂNCIA. A denúncia do realismo de Schopenhauer, em matéria de filosofia das ciências físicas, faz apelo a uma psicologia do autor que já é uma psicanálise de suas metáforas familiares. Por trás do realismo de Schopenhauer, Bachelard nos faz perceber “uma avareza de solteirão”.

Dos cinco textos, O MUNDO COMO CAPRICHOS E MINIATURA é o que parece mais arredo a ser inserido na coletânea e o menos adequado a servir de preparação para uma seqüência. Bachelard nele trata das relações entre o sonho e a percepção do espaço, utilizando trabalhos de psicólogos, aliás, de boa categoria. Ainda não chegara o momento de Bachelard escrever: “Mas um filósofo pode tornar-se psicólogo? Consegue ele dobrar seu orgulho e contentar-se com a constatação dos fatos, desde que já entrou, com todas as paixões requeridas, no domínio dos valores?”¹

E os temas permanecerão mesmo quando o método tiver mudado. A miniatura é tratada no terceiro parágrafo do primeiro capí-

1. G. Bachelard, *La Poétique de la rêverie*. Paris: PUF, 1999, p. 2.

{ Gaston Bachelard }

tulo de *A terra e os sonhos do repouso* e no sétimo capítulo de *A poética do espaço*. E não cabe até pensar que o método já está mudando? O fim desse artigo é uma confiança e uma advertência que não foram percebidas na época. Desde 1933, a complacência com aquilo que ele chama “o fruto proibido das alucinações liliputianas” é apresentada por Bachelard como a expressão de um sonho, o do trabalho sem pressa.

Gaston Bachelard surge, agora, duplo e completo. Sua vida de filósofo vai realizar-se num labor unido por duas temporalidades distintas: o tempo acelerado da impaciência epistemológica, aflita com a idéia de ficar defasada da renovação dialética do saber, e o tempo preguiçoso do sonho, “não atormentado por censuras”. Era preciso inventar em filosofia o dualismo sem excomunhão mútua entre real e imaginário. Gaston Bachelard é o autor dessa invenção, pela aplicação ousada de um novo princípio de complementaridade. Os *Estudos* do período 1931-1934 são testemunhas e os primeiros frutos dessa invenção.

GEORGES CANGUILHEM